

MEDÉIA COMO ESPELHO DA SOCIEDADE: A Função Simbólica do Mito na Tragédia de Eurípides

MEDEA AS A MIRROR OF SOCIETY: The Symbolic Function of Myth in Euripides' Tragedy

Tamires Pelais dos Santos Fiori¹, Faculdade UMFG, tamirespelais@gmail.com,
Gabriela Costa Alves², Faculdade UMFG, gabriela.alves@umfg.edu.br

Resumo: Este estudo analisa o mito de Medéia, com ênfase na versão apresentada por Eurípides em 431 a.C., e discute como sua personagem expressa tensões sociais, culturais e históricas da Grécia Antiga. Parte-se da compreensão dos mitos como ferramentas simbólicas de elaboração da experiência humana, que encontrou no trabalho de tragediógrafos como Eurípides, espaço de transmissão e ressignificação dessas narrativas. A pesquisa conta com três etapas principais: 1) revisão bibliográfica da literatura científica em diversas bases de dados, utilizando os seguintes descritores: “Mitos e desenvolvimento da humanidade”, “Mito de Medéia” e “Função simbólica do mito”, priorizando publicações a partir de 2014; 2) seleção criteriosa dos estudos, incluindo artigos, dissertações e teses que abordem a temática; 3) avaliação detalhada dos estudos selecionados, com extração de dados sobre autoria, objetivos, relevância dos mitos para a estruturação social e principais conclusões. Os dados foram sintetizados e a revisão redigida em categorias pertinentes. Os resultados mostram que o mito de Medéia foi adaptado por diversos autores ao longo dos séculos, refletindo conflitos, dilemas e valores de cada contexto histórico. Ao transformar questões éticas, políticas e sociais em narrativas públicas, os mitos funcionam como ferramentas simbólicas que permitem à população elaborar as experiências conflituosas e lidar com os sentimentos delas decorrentes.

Palavras-chave: Mitos e desenvolvimento da humanidade, Mito de Medéia e Função simbólica do mito.

Abstract: This study analyzes the myth of Medea, with an emphasis on the version presented by Euripides in 431 B.C., and discusses how the character expresses social, cultural, and historical tensions of Ancient Greece. It is based on the understanding of myths as symbolic tools for elaborating human experience, which found in the work of tragedians like Euripides a space for the transmission and re-signification of these narratives. The research consists of three main stages: (1) a literature review of scientific studies across various databases, using the following descriptors: “Myths and human development,” “Myth of Medea,” and “Symbolic function of myth,” prioritizing publications from 2014 onward; (2) a careful selection of studies, including articles, dissertations, and theses addressing the topic; (3) a detailed evaluation of the selected studies, extracting data on authorship, objectives, the relevance of myths for social structuring, and main conclusions. The data were synthesized, and the review was written in relevant thematic categories. The results show that the myth of Medea has been adapted by various authors over the centuries, reflecting conflicts, dilemmas, and values of each historical context. By transforming ethical, political, and social issues into public narratives, myths function as symbolic tools that allow the population to elaborate on conflicting experiences and deal with the emotions that arise from them.

Keywords: Myths and human development, Myth of Medea, Symbolic function of myth.

1 INTRODUÇÃO

Desde as Antigas Civilizações os mitos têm servido como poderosas ferramentas de simbolização e elaboração das experiências humanas, permitindo que a população lidasse com seus medos e angústias de forma simbólica (Almeida, 2021; Seleprin, 2008). Com o avanço econômico e a expansão das relações familiares para a esfera pública e política da *Polis*, os mitos sustentaram o desenvolvimento do pensamento objetivo e racional: ao dar sentido às vivências, eles também estruturavam a sociedade em torno de normas e valores compartilhados (Almeida, 2021).

1 Graduada do curso de Psicologia da Faculdade UMFG.

2 Graduada em Psicologia e Mestre em Promoção da Saúde pela Unicesumar. Professora do curso de Psicologia da Faculdade UMFG.

A valorização e a transmissão dessas narrativas ganharam novo impulso com o surgimento e o desenvolvimento do teatro. Originado nos cultos rurais dedicados a Dionísio, deus do vinho e do êxtase, o teatro foi institucionalizado por volta de 534 a.C., pelo governante Psístrato. Com o apoio do Estado, essas celebrações se transformaram em grandes festivais públicos, nos quais eram encenadas tragédias, comédias e dramas satíricos (Leite, 2020; Brandão, 2022).

Nesse contexto de expansão do teatro, a tragédia conquistou a adesão do público, com destaque para três mestres do gênero, denominados tragediógrafos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Ésquilo (525 - 456 a.C.), considerado o “pai da tragédia”, escreveu aproximadamente noventa peças e obteve treze vitórias em concursos. Sófocles (496 - 406 a.C.) compôs cerca de vinte e três peças e venceu vinte e quatro concursos. Eurípides (485 - 406 a.C.), com cinco vitórias e uma produção estimada entre setenta e quatro e noventa e duas peças, é autor da adaptação do mito de Medéia (Leite, 2020; Kury, 2001).

Eurípides, nascido por volta de 485 a.C. em Salamina, próximo a Atenas (Kury, 2001), evidenciava em suas obras os comportamentos, medos, angústias e anseios da sociedade (Prado, Cordeiro, Barbosa, 2021). Sua adaptação do mito de Medéia encenada em 431 a.C., ano que marca o início da guerra do Peloponeso e o declínio da hegemonia ateniense, apresentou uma nova face da protagonista: violenta e cruel, rompendo com a imagem de heroína atribuída à personagem até então. Essa representação estava em consonância com o cenário de horror e devastação que a guerra traria (Kury, 2001; Almeida, 2015; Adriani, 2009, *apud* Meneguzzo, 2017).

Assim, ao retratar Medéia como uma figura capaz de ações atroz, Eurípides não apenas rompe com representações tradicionais da heroína mítica, mas também antecipa, de forma simbólica, os horrores que a guerra do Peloponeso traria à Atenas. Portanto, mais do que apenas uma forma de entretenimento, o mito de Medéia se apresentou como uma ferramenta de elaboração coletiva das tensões e angústias que afligiam a população ateniense naquele determinado período.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica da literatura, com o objetivo de contextualizar o desenvolvimento dos mitos e sua importância como ferramentas de simbolização e elaboração das experiências humanas. Tendo como foco a versão euripídiana do mito de Medéia. A pesquisa conta com três etapas principais: 1) revisão bibliográfica da literatura científica em diversas bases de dados, utilizando descritores específicos como “Mitos e desenvolvimento da humanidade”, “Mito de Medéia” e “Função simbólica do mito”, priorizando publicações a partir de 2014; 2) seleção criteriosa dos estudos, incluindo artigos, dissertações e teses que explorem a temática; 3) análise detalhada dos estudos selecionados, com extração de dados sobre autoria, objetivos, relevância dos mitos na estruturação da sociedade e as principais conclusões dos estudos selecionados. Posteriormente, foi feita uma avaliação crítica, a síntese dos dados e a redação da revisão, organizada em categorias pertinentes.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a figura de Medéia transcende os séculos, assumindo características que refletem os valores, costumes e conflitos de cada época em que é recontada. Foram identificados fragmentos de versões anteriores à tragédia de Eurípides, como a de Neofron (Kury, 2001), além de outras do século IV a.C., atribuídas a autores como Diceógenes, Teodorides e Diógenes (Olson, 1998, *apud* Pellegrino, 2008).

Eurípides, em 431 a. C., foi o primeiro a apresentar Medéia como autora de um filicídio premeditado. Nas versões anteriores, ela era descrita como a rainha de Corinto que havia matado

involuntariamente seus filhos ao tentar torná-los imortais (Adriani, 2009 *apud* Meneguzzo, 2017). Essa mudança na narrativa marca a versão euripidiana como a mais conhecida até à atualidade.

A trama de Eurípedes, conforme a tradução de Kury (2001), apresenta a complexa trajetória de Medéia, marcada por paixão e tragédia. A jovem se apaixona por Jáson, sem saber que esse sentimento foi provocado por Hera, esposa de Zeus. O objetivo da deusa era fazer com que a jovem usasse seus poderes mágicos para ajudar Jáson a recuperar o toção de ouro, que pertencia à família dele, mas havia sido roubado por Aietes, pai de Medéia.

Ao reconquistar o objeto, o casal parte para Iolco, mas o rei Aietes, ao descobrir a trama de Jáson, envia seu filho, irmão de Medéia, para persegui-los. Para despistar o exército do pai, Medéia assassina o irmão e espalha seus membros ao longo do percurso. Em Iolco, Jáson trama contra a vida de seu primo Pelias, que havia ocupado o trono até a sua maioridade e que estava se opondo a fazer a passagem do poder. Jáson então pede à esposa que prepare uma poção para matá-lo. O assassinato gera grande revolta na população, forçando o casal a fugir para Corinto, cidade em eles vivem exilados por dez anos. No exílio, Jáson repudia Medéia, pois deseja casar-se com Glauce, filha do rei local. A traição, o repúdio e a ordem de expulsão dela e de seus filhos geram em Medéia grande sofrimento e revolta. Ela então, após organizar o assassinato da princesa, consciente das consequências de seu ato, afirma: “[...] Jamais dirão de mim que eu entreguei meus filhos à sanha de inimigos! Seja como for, perecerão! Ora: se a morte é inevitável, eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!” (Kury, 2001, p. 67).

Dessa forma, a trajetória de Medéia é marcada por eventos profundamente violentos e traumáticos e, embora tenha ajudado Jáson em diversas ocasiões, ele a abandona para unir-se em um casamento mais vantajoso. Essas experiências geraram em Medéia emoções intensas: tristeza pelo fim do casamento, pelo futuro dos filhos e pela perda de sua identidade, fortemente entrelaçada ao papel de mãe e mulher; culpa pelas mortes que provocou, pela traição ao pai e à sua pátria; e ódio por Jáson, por quem fez grandes sacrifícios, recebendo em troca apenas injustiças e humilhação. Esses sentimentos, entrelaçados à estrutura narrativa da tragédia, evidenciam a capacidade simbólica do mito, promovendo reflexões sobre os conflitos afetivos, mas também sobre aqueles políticos, como a guerra que se aproximava, trazendo consigo atrocidades, angústia e desespero, elementos presentes na trama de Eurípedes.

Para além das questões políticas, Eurípedes também aborda aspectos socioculturais, como a submissão imposta às mulheres atenienses de sua época. Em sua obra, o tragediógrafo evidencia que o papel atribuído às mulheres gregas era de fortalecer alianças matrimoniais e gerar herdeiros, garantindo continuidade à família e à sociedade (Almeida, 2015). Assim, a trajetória de Medeia, marcada por sacrifícios, traições e atos extremos de vingança, expõe os dilemas enfrentados pela protagonista, entre eles, a perda de seu papel como esposa e mãe.

A capacidade de adaptação dos mitos às mudanças sociais se confirma nas releituras posteriores do mito de Medéia, realizadas por autores como Ovídio, Sêneca e Pierre Corneille. Ovídio (43 a.C. - 17 d.C.) enfatiza a ingenuidade de Medéia, seu amor por Jáson e a tristeza pela traição e abandono, aspectos que contribuem para a aceitação do ódio sobre a razão, mas que reforçam a imagem da mulher guiada por impulsos passionais, sendo a racionalidade uma característica predominantemente masculina (Prado, Cordeiro e Barbosa, 2021; Gouvêa Júnior, 2013). Sêneca (1 a.C. – 65 d. C), por sua vez, retrata Medéia como uma feiticeira cruel, que corrompida pelo ódio, decide matar seus filhos por vingança. O escritor afasta a ideia de um destino atribuído pelo divino, responsabilizando a personagem por sua ruína e promovendo a reflexão sobre os efeitos destrutivos da paixão sobre a razão (Corrêa e Pedroso Junior, 2024; Prado, Cordeiro e Barbosa, 2021).

Já o dramaturgo francês Pierre Corneille (2015), enfatiza os aspectos emocionais vivenciados pela personagem, como o conflito entre amor e ódio, a traição, o abandono, as injustiças sofridas e a humilhação. No diálogo com o rei Creonte, Medéia expressa sua revolta

diante da desigualdade de tratamento entre ela e Jáson: “Vocês fazem diferença entre dois criminosos! Querem que ele seja honrado e que entre dois cúmplices, um tenha sua coroa e o outro suplícios!” (Corneille, 2015, p. 20). Jáson, por sua vez, apesar de grato à esposa, se deixa guiar pelo desejo de ascensão social: “Eu acomodo minha paixão ao bem dos meus negócios;” (Corneille, 2015, p. 9). Essa abordagem entrelaça o sofrimento emocional da protagonista com os dilemas morais que atravessam a vida dos personagens, construindo uma narrativa que se aproxima dos conflitos vivenciados na contemporaneidade.

Assim, as sucessivas releituras do mito de Medéia demonstram como essa narrativa continua a servir como uma ferramenta simbólica para explorar e confrontar conflitos, dilemas e valores inerentes a cada contexto histórico-social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos são narrativas intimamente entrelaçadas com a realidade daqueles que as concebem e, ao transformar questões éticas, políticas e sociais em narrativas públicas, permitem à população elaborar experiências complexas e lidar com os sentimentos delas decorrentes.

A análise do mito de Medéia, na versão de Eurípides, evidenciou como o teatro grego utilizava essas narrativas para refletir e preparar o público para os conflitos sociais e políticos de sua época, como a Guerra do Peloponeso. As releituras posteriores, como as realizadas por Ovídio, Sêneca e Corneille reforçam a capacidade do mito de se adaptar a diferentes contextos históricos e culturais, promovendo reflexões profundas sobre a condição humana e auxiliando a sociedade a lidar com suas angústias e dilemas existenciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. de (org.). A Importância Da Compreensão Do Mito Grego Para a Filosofia. IN.: ALMEIDA, F. A. de. **Filosofia: os desafios do pensar**. Guarujá, SP: Científica Digital, 2021. cap.7 p. 101-111.

ALMEIDA, J. P. B. A. R. **O Divino nos Sofistas e em Eurípides**. Orientador: Maria do Céu Fialho. 426 f. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/28688> Acesso em: 15 out. 2024.

BRANDÃO, J. de S. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 2022.

CORNEILLE, Pierre. **Médée**. Paris: Théâtre Classique, 2015.

CORRÊA, B. L. T.; PEDROSO JUNIOR, N. C. O horror e o terror nas “Medeias” de Eurípides, Sêneca e Corneille: a experiência estética do medo na tragédia. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.17, n.8, p. 01-19, 2024.

EURÍPIDES. **Medéia, hipólito e as troianas**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 246, 2001.

GOUVÊA-JÚNIOR, M. M. *Variae Medae: A Recepção da fábula de Medéia pela Literatura Latina*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-956LZX/1/varias_medeias___corrigido.pdf

Acesso em: 15 dez. 2024.

LEITE, Rodrigo Morais. **História do Teatro Ocidental: da Grécia Antiga ao Neoclassicismo Francês**. Salvador: Superintendência de Educação a Distância, 2020.

MENEGUZZO, L. Z. Maternità: vicissitudini del sentimento di potenza tra mito e clinica. **Rivista: Quaderni de gli argonauti**. p.99-120, 2017. Disponível em:

<https://www.carocci.it/prodotto/maternita-vicissitudini-del-sentimento-di-potenza-tra-mito-e-clinica-loretta-zorzi-meneguzzo> Acesso em: 15 junho, 2024.

Pellegrino, M. Il mito di Medea nella rappresentazione parodica dei commediografi greci, *CFC (G): Estudios griegos e indoeuropeos*, 18, pp. 201-216. 2008. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Il+mito+di+Medea+nella+rappresentazione+parodica+dei+commediografi+greci+Matteo+PELLEGRINO&btnG= Acesso em: 15 jan. 2025.

PRADO, J. B. T.; CORDEIRO, I. S.; BARBOSA, L. M. de S. A reatualização do mito de Medéia em Eurípides, Ovídio e Sêneca. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 14, n. Especial, p. 268–301, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/5532>

Acesso em: 16 maio. 2025.

SELEPRIN, M. J. O mito na sociedade atual. **Congresso Nacional De Filosofia Contemporânea**. VI., 2008, Curitiba.

Recuperado de: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf

Acesso em: 16 jan. 2025.